



# O Galato



PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 17 de Março de 1984 \* Ano XXI — N.º 1044 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## UMA CARTA

Hoje é esta, dum senhor Notário do Alentejo:

«Sinto, na própria carne, o descalabro moral dos tempos que vivemos.

Em especial, perturba-me o clima geral do descalabro da Família — que devia ser, mas quase nunca o é, a Igreja doméstica — e a situação dos velhos, que não têm já lugar nas sociedades e nas famílias. Mas em muitos casos, quase em todos, não é a miséria económica que leva as pessoas a implorar um lugar nos «lares» e nos «centros de dia»; na maioria das situações é o viver moderno, com casas acanhadas onde não cabem já os pais e os avós, com os casais a saírem de manhã para os empregos e a regressarem à noite, quando não é o mero egoísmo humano.»

É. As mesmas causas — os mesmos efeitos também para as crianças. Não é mais a falta de pão — mas este desmoroar das famílias e demissão de tantos pais.

Alguém me disse há pouco que era dos pais o maior pecado — pelo abandono dos filhos.

Ainda há dias nos apareceu um menino que os pais não querem. A mãe foi com outro homem. O pai, com outra mulher. O avô tomou conta, mas também agora se divorciou!

Se este abandono nos choca — não menos a demissão de tantos pais na educação dos filhos, atirados para a escola mais cómoda; sem obrigações nos tempos livres; lendo e vendo todos os programas sem qualquer inibição ou orientação; tantos sem obrigações nos trabalhos domésticos (a mãezinha faz tudo).

Todos os caprichos satisfeitos, com o tempo o menino começa a exigir. E se não acontecer ficar um inútil — ficará, pelo menos, um grande egoísta. Nada na sua educação, durante a meninice e juventude, lhe mostrou o caminho da doação aos Outros. Ele, só ele.

Também a nossa sociedade lhes facilita as portas de muitos vícios..., não se preocupando com o sentido moral em suas vidas e, muito menos,

com o sentido de Eternidade.

E, todos os dias, sempre prontos a batermos o pé e a erguermos as mãos na «pista» dos «direitos»: Pais e filhos; professores e alunos; povo e partidos.

A dos «deveres» está deserta — ninguém bate no peito e se cobre de saco.

E até nós, os consagrados — tantas vezes perdidos com «aulecas», enredados na burocracia das nossas organizações e iludidos com as fachadas de lindos e «caros» colégios — não mostramos o Catecismo às crianças, o Caminho aos jovens e o alívio aos Pobres.

Muita cinza, antes que a revolução nos mostre o caminho.

Padre Telmo



## FESTAS

Já no fecho da edição, chegaram notícias preliminares das Festas no Sul e Centro do País — pelas mãos de Padre

Acílio e Chiquito Zé. No entanto, eis o ponto da situação cá pelo Norte:

Os ensaios — como já se

disse — principiaram com os mais pequeninos, normalmente o quadro mais apetecido no fim da Festa; porém, o mais trabalhoso d'afinar, face à naturalíssima irrequietude dos «Batatinhas».

Tudo programado, agora é a vez dos mais crescidos, aos quais já começam a despontar uns pelitos na cara.

Ação fatigante, nem sempre a graça do programa, as melodias, dão um certo cansaço ou enlevo nos bastidores...! No palco — só para nós, eles não ouvem... — a hipótese de uma ou outra barraca, especialmente de um «Batatinha», é o delírio da plateia — o melhor da Festa!

A verdade é que os ensaios do programa nunca repousaram em tanta ordem e discreção! Parece que se atingiu a perfeição, sem no entanto deixarmos de ser uma **desorganização organizada**.

A poucos dias da primeira saída — o calendário está na última página — os nossos Amigos também são notícia, que os mais interessados — os habitués — redobram de entusiasmo, para maior estímulo destas andanças. Inclusive, não deixam de solicitar a presença antecipada dos vendedores d'O GALATO, para receberem das suas mãos — com um dedal de conversa — o lugar mais apetecido em cada plateia.

São os preparatórios da Festa, no Porto ou noutra qualquer. E, nestas acções, há os que, não conhecendo ainda muito bem a Obra da Rua, decidem — pelo exemplo — en-

## Notas do tempo

Naquela tarde revivi uma impressão antiga que, no momento, não fui capaz de localizar: O horror de um casarão labiríntico e o sentimento de libertação quando me achei fora dele. E, afinal, há entre os dois lugares uma função comum: ambos servem de morada a desalojados (ainda!) que vieram do Ultramar.

A velha Relação do Porto é um edifício cheio de nobreza como convém a um Tribunal de segunda instância, que foi; e com possibilidades de um destino igualmente nobre: Governo Civil, Reitoria da Universidade... — projecto de que, às vezes, se ouve falar. Era, ao tempo, Cadeia Civil; e o seu interior, pesado, tenebroso, desprovido das mínimas condições para um viver humano, em nada condiziam com a beleza das suas fachadas, com a solidez da sua construção. Depois, saíram os reclusos, entraram desalojados; mas nada mais mudou dentro daquelas paredes que desafiavam séculos.

A impressão de agora, colhida no Monte da Caparica, perto da ponte sobre o Tejo, em uma casa mostra de onde

não loriguei qualquer horizonte e que dá pelo nome de «Asilo 28 de Maio». A sua degradação é tal que ainda ninguém teve o prurido de lhe actualizar o nome, atrasando-o, talvez, de um mês e mais três dias.

Chamou-me lá um Rapaz que foi da nossa Casa do Galato de Benguela e ali mora com sua mãe, suas irmãs, sua mulher e filhos. Na rua, chusmas de crianças brincavam; grupos de adultos jogavam as cartas ou entretinham-se a ver passar o tempo. Ninguém sabia de ninguém. Penetrámos vielas entre os corpos do edifício imenso e assombrado. Calcorreámos corredores às apalpadelas. Subimos escadas de madeira apodrecida e gemente sob os nossos passos. Paredes roídas pelo tempo e pela incúria. Pedacos de telhado em vão. Tabiques de madeira definindo os «apartamentos». Vozes de pessoas, gritos de crianças, rufos de rádio — em amálgama. Um ambiente saturado.

Acabámos por dar com o nosso homem. Mas o coração ia oprimido por tanta miséria, por tal promiscuidade.

Quantas famílias terão ali o seu «asilão»? Quantos centos de pessoas, de crianças, estiolando ao sopro dos «ventos da história», eufemismo com que os homens disfarçam a sua insipiência e fazem de Pátrias, madrastras!

Mil vezes uma senzala de terra batida ou de capim! — houvesse lá pão e paz.

Outra tarde de domingo; outras vistas.

Quando os pequenos regressaram da venda d'O GALATO, carregámos a carrinha com as peças indispensáveis à casa do Rafael e abalámos.

Há muito que não sentia tanto a província às portas de Lisboa! A estrada para o lugar sai da principal e serpenteia por entre hortas à margem de um ribeiro. Depois subimos a um alto monte quase segundo a linha de maior declive. A carrinha estremeceu mas aguentou. Lá em cima é a quinta, onde se criam vitelos, patos, perús e cães de raça, dos quais Rafael é o tratador.

Respirei fundo e dei largas

Cont. na 3.ª pág.

Cont. na 4.ª pág.



# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Estão prontas mais três. Só faltam outras tantas — o último bloco — para todas as moradias do Património dos Pobres ficarem com energia eléctrica. É a arrancada final!

No fim da obra, o electricista dará a conta. Talvez uns pòzinhos mais em relação à empreitada anterior: cinquenta e tal contos. E a verdade é que não haveria hipótese de levar a energia a todas as moradias se, além da generosidade dos nossos Leitores, não fosse a autarquia, os serviços municipalizados reconhecerem mais este factor de promoção social dos Pobres.

Temos saboreado o gosto daqueles que têm hoje o que nunca tiveram — uma lâmpada acesa, um aparelho de rádio à cabeceira; e um ou outro — dos mais doentes — o seu aparelho de televisão.

Neste aspecto, vale bem a pena parafrasear o nosso querido Pai Américo:

«E porque não (uma televisão no quarto de um doente pobre)? Não sei que doutrinas derrancadas por aí giram, dizendo que para eles cêdeas e cacos é quanto basta. Mentira! Jesus ensina o contrário...»

Ela está agora a sofrer, pela idade, a dura vida que levou! Ainda haverá quem lh'aitre pedras...?!

Enquanto não chegar a pensão social — requerida há meses — os nossos Leitores continuam a pôr a mesa desta mulher que está só, longe dos filhos que nasceram por lá... e não deitou ao lixo... Criou-os com amor de mãe. Emanciparam-se.

— Estou a botar-lhe a mão, q'ela está só. Temos de ser uns prós outros. A caridade é assim...

A frase escaldante, profunda, saiu tal qual da boca da vizinha; outra para quem os nossos Leitores mandam sempre o indispensável para duas ou três refeições diárias; não falando, já, da sua moradia... Hoje, viveria amontoada em toco casebre — sem o mínimo de condições.

A Fraternidade permanece viva entre os Pobres!

Ela vinha pela mão duma Viúva jovem, que não teria a vida que hoje tem... — se não fossem, também, os nossos Leitores.

— Passam tão mal a fazer a casa, q'eu lembrei V. darem-lhe uma ajudinha...

A Autoconstrutora traz, ao colo, um dos filhos mais pequeninos.

— Inda só tenho dois...

Algo envergonhada, conta a loucura em que ela mal-lo marido se meteram:

— Tinha um bocado de terreno q'herdámos. Se não fosse assim, não havia dinheiro que chegasse... Ele é tam pouco, que não dava p'ra nada. O meu home ganha pouquinho. É uma luta muito grande!, q'a gente não pedimos nada a ninguém...

Estaca um nadinha e continua:

— A casa tem três cartinhos, uma salita, cozinha e a cave fica assim, intê ver... Agora, vamos ò telhado... A gente intê sufeca!...

Disse mais e mais — sem cortar-mos palavra.

A mulher larga, então, o ar do-rido — sufecado, diria — e suspira d'alívio:

— Temos vergonha de pedir... e passamos mal... Hoje, fazer uma casinha custa... Custa muito... Custa os olhos da cara!

Não é preciso pôr mais na carta!

**PARTILHA** — Águeda: «2.000\$00 para ajudar a compra de mercearia para os nossos Irmãos pobres». Avenida da Boavista — Porto: remanescente de contas d'O GAIATO e um hino à Autoconstrução. Assinante 26471, de Algueirão: «mil escudos, referentes a Janeiro e Fevereiro, para uma senhora idosa e doente». Os habituais dez rands de Durban (África do Sul). Uma «Pecado-

## MIRAGAIA LUGAR de LUZ!

Edifícios modernos — arte.

Vielas escondidas — baluarte!

Monumentos e estátuas

Impregnados de bolor macio.

Pombas

Ali deixam os seus detritos:

Quais ruas

Escuras,

De paralelepípedos escorregadios.

Jardins palácios:

Pequenas raízes há muito secas.

Pessoas vegetam;

Correm de um lado para o outro

Sem encontrar o que buscam.

Automóveis, povo — trânsito.

No berço: Miragaia!

Lençóis multicolores esvoaçam:

Bandeiras.

Turistas acorrem,

A ver a «maravilha» rara.

O símbolo da cidade!

Detritos também,

Sem caminho estabelecido,

Mas certo.

Miragaia:

Lugar de Pobres e... de podridão!

De Doentes incuráveis,

Defuntos e lágrimas.

De velatório, às vezes, improvável.

Esperança; uma Esperança infinita.

O Douro, repleto de suores frios,

Vinho derramado,

Lucros,

Escuta

Risos históricos e agonias dos resi-

[dentes.

Cheias: — Oh Douro!

Tuas águas

Escondem muito sangue vivo,

Dissolvido... aos poucos.

Miragaia é terra de Inocentes!

Morgado

ra», de Cantanhede, 200\$00. Vilares (Vila Franca das Naves), 500\$00. No Lar do Gaiato (Porto) entregaram, discretamente, num singelo sobrescrito dirigido à Conferência, vinte notas — sem mais quê! A força do Anonimato!

Mais 200\$00 de Emília, do Porto. O mesmo de Rio Tinto, por mãos calejadas e doentes:

«São para o Pobre mais necessitado. Não é muito, eu sei, mas também sou pobre e doente. Vivo sozinha, numa pequena reforma. Trabalhei 34 anos numa fábrica, quando era nova.»

As presenças habituais da assinante 19177, e, também, de «uma portuense qualquer». Assinante 13519, 2.500\$00 que desejava ter enviado pelo Natal, «mas as necessidades dos Pobres são de todos os dias» — por isso o faço agora.» É sempre a tempo!

Maria do Rosário, 1.000\$00, dos quais 500\$00 de pessoa amiga: «Desculpai o pouco que mando; mas, apesar da idade, ainda não consegui libertar-me de pequenos nada que me fazem feliz...»

Assinante 9790, de Oliveira do Douro: «Uma pequenina gota para a Conferência. Peçamos a Deus que as nossas vidas sejam sal, sejam fermento; que na sombra da humildade escondam a Força de Deus e que a Luz do Céu nos guie de maneira a olharmos e a servirmos os nossos Irmãos com muita amizade, muito respeito, muito amor.»

Assinante 32859, de Gaia, 500\$00 — depositados no Espelho da Moda. Remanescente de contas d'O GAIATO, da assinante 18076 — Cascais. Outro «donativo para uma Viúva pobre», entregue no Espelho da Moda. Rua António Carneiro, Porto: «Não quero agradecimentos, dado que aqueles que mais possuem, mais e mais querem. O meu carinho para todos os Pobres; mas, como só vivo da reforma de trinta e tal anos de trabalho em Moçambique, espero perdoem a insignificante migalha desta viúva, há mais de trinta anos.»

S. Mamede de Infesta: cinco notas. Assinante 9811, da Maia, sobras de contas d'O GAIATO. «Uma alentejana» foi ao Espelho da Moda e deixou mil escudos «por alma dos meus queridos». Oeiras, a remessa habitual. Fafe, 500\$00. Assinante 24440, de Lisboa, resto de contas da assinatura d'O GAIATO. Marinha Grande: Cumprimos o voto expresso. Pedras Rubras, 1.000\$00 — «sufragando a alma da minha querida Mãe» — para «conforto de uma velhinha». Mais 250\$00 duma senhora que, apesar da idade avançada, tem conquistado novos assinantes d'O GAIATO: «Gostava imenso que entregassem o donativo a um velhinho». Assinante 21248, de Famalicão, 1000\$. O costume, de casal amigo do Fundão. Quatro entregas no Montepio Geral, de Lisboa. Sarilhos Grandes, 300\$00. Quitéria, 500\$00. Assinante 21863, de Estremoz, 2.500\$00. Cheque de Duas Igrejas (S. João da Madeira). E, por fim, que os últimos são os primeiros, cheque do assinante n.º 20 — um dos primeiros Amigos da Obra da Rua, no Porto.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Calvário

Quem gosta e tem possibilidades de ver jornais, normalmente lê notícias de mortes, assaltos, roubos, etc. Todos os dias é assim! Há sempre algo que motiva reportagens e comentários. Já tenho ouvido dizer que hoje é perigoso viver. E o pior é, que há muita gente com medo, procurando alguma saída para se libertar... também do desemprego, de ficar sem dinheiro, sem casa, sem ninguém...

Não se pode ficar indiferente a tantos traumas!

Ao escrever estas palavras, damos a conhecer uma, entre tantas outras facetas de vidas que aqui acabam. Uma forma de se perceber os desígnios de Deus em relação à vida humana, pois a vida terrena tem contradições bem fundas...

Ela tinha uma vida em que nada lhe faltava. Mais tarde, com outra situação, até dava para viajar muito: fins-de-semana sempre fora de casa, saboreando prazeres... Só que, um dia, dá a entender que poria fim à existência — porque todo aquele encanto em que andava mergulhada tinha acabado. Atirar-se dum prédio alto foi a alternativa! Porém, tal não aconteceu..., nessa altura. Ficou em cama durante largos dias, mas acordou.

Foi terrível, doloroso, quando constatou que ainda vivia, pregada a um leito do hospital! Após alguns meses de internamento, começaram as solicitações para que o Calvário a aceitasse. Veio. Causava pena vê-la sofrer física e psicologicamente! Aqui terminou os seus dias. Não quando ela quis, mas quando Deus entendeu.

Parece-me que hoje se fala de mais! Somos bombardeados constantemente por todos os lados. Toda a gente procura falar semeando bonança, paz e ternura. Mas também se nota à minha volta cansaço por não ser possível ver algo mais do que boas intenções para dar solução a tantos e tantas que anseiam acabar com paz e segurança os últimos dias — como neste caso, de que procurei dar algumas pinceladas de uma vida que se consumou.

Como este facto há muitos — conforme aquele que ouvi pela rádio: Um jovem de 20 anos sofreu um acidente de viação. Assistido por especialistas, consideraram-no morto. Preparavam-se para lhe extrair uma parte dos órgãos, e ele tossiu! Foi nos Estados Unidos. É para pensar e tirar conclusões. Não duvidemos desta realidade nua e crua: Só quando e como Deus quiser tudo acaba!

Manuel Simões

## Paço de Sousa

FESTAS — Estamos a poucos dias da primeira Festa, em Vila Nova de Famalicão: 2 de Abril. As outras serão logo de enfiada: dia 4, Braga; dia 5, Coliseu do Porto; e dia 10 de Abril, Aveiro.

Como sempre, esperamos que o público não falte com o seu entusiasmo, enchendo completamente as plateias. Isso é que dá muita alegria a todos nós!

Os papéis do programa não são nada piores do que nos anos anteriores! Agora, os ensaios continuam com mais força, para que as Festas tenham um êxito igual ou superior aos anteriores.

**FUTEBOL** — A nossa equipa defrontou o Grupo Desportivo da Junqueira (Paço de Sousa). Vencemos, e convencemos, por 9-2.

O resultado foi-se avolumando, pouco a pouco, no decorrer do jogo, e ao intervalo já vencíamos por 4-0.

Foi um encontro agradável de seguir, pois nem todos os domingos temos jogos em nossa Casa por falta de quem nos queira defrontar! Além disso, estes encontros de futebol são um aliciente para os nossos tempos livres e para termos a nossa equipa sempre em forma.

**ESCOLAS** — Terminou o segundo período do ano lectivo. Ainda não saíram as pautas com as respectivas avaliações, mas estamos a contar com melhor aproveitamento em relação ao período anterior.

Depois, vamos entrar no período crucial — o fim do ano escolar. Deus permita que todos, ou quase todos, recuperem em cheio! No entanto, temos que estudar muito...!

**CARNAVAL** — Em nossa Casa o Carnaval é sempre um tempo de alegria! Até os mais pequeninos, os «Batatinhas», gostam destas brincadeiras e aproveitam tudo aquilo que podem para se mascarar e entreterem-se com os folguedos da época!

José Carlos

## Miranda do Corvo

FESTAS — Já não era sem tempo! Há muito que se tinha falado das nossas Festas. Analisámos os «prós» e os «contras».

Os «prós» são todos os Amigos que gostam de nos ver, e receber-nos em suas terras, sempre com um acolhimento caloroso. Levamos a nossa Casa até vós...

Os «contras» são as dificuldades da sua realização. A carência de algumas coisas que as enriquecem mais.

Mas o primeiro sobrepôs-se ao segundo. E, assim, ver-nos-eis mais uma vez, este ano, a repetir a nossa visita às vossas terras.

O arranjo do programa foi a primeira etapa. Agora vêm os ensaios e mais alguns acertos.

A realização das nossas Festas exige grande esforço e trabalho, recompensado pelo apoio dos nossos Amigos.

Por isso, aqueles que costumam receber a nossa visita nas salas de espectáculos das suas localidades, preparem-se para nos receber — como sempre.

Chiquito-Zé



# SETÚBAL

□ A grave crise em que mergulhámos e de onde não emergiremos, neste século, é uma crise de justiça.

Sem o pensar, nem talvez querer, proclamou-o bem alto e arquivou-o nos anais da História o Parlamento, ao despenalizar o homicídio voluntário de crianças inocentes e indefesas.

A justiça, no mais elementar dos seus princípios, foi pisada a pés, escarrada e destruída como o Homem do Gólgota.

O tribunal duma Casa do Gaiato tem a função essencial de avivar os puros ditames da justiça, frescos e limpos na interioridade dos jovens e das crianças!

Não foi, ao acaso, que Pai Américo denominou o nosso ambiente como um «Santuário de almas». Alicerçado na Fé no Homem, em Deus, o Fundador da Obra da Rua pôs no seu devido pedestal a justiça como base da educação.

Assim, os tribunais, à noite, após o jantar, com a comunidade saciada, resplandecem

como a aurora matutina, destruindo os momentos de trevas que o dia trouxe.

Aparece no latão do lixo um prato de aço inoxidável com uma fenda semi-circular, feita por uma fortíssima pancada de martelo. É necessário saber quem foi. O faltoso necessita de entender a sua acção.

— Quem foi? — pergunta o Octávio, com voz forte e dorida, olhando penetrantemente a comunidade silenciosa e muda.

— Ninguém se acusa?!  
Faz considerações morais e económicas. Chama, ao meio, os das obras e dos pregos.

Dos pregos são os pequenos que limpam desperdícios de madeira brasileira com que temos feito os tacos do soalho das nossas casas.

— Foste tu? — E tu?... — Também não? Ninguém foi!...

O silêncio, com sua voz eloquente e construtiva, penetra o íntimo de cada rapaz e deixa-se ouvir por um espaço de tempo prolongado e firme! Os olhares de todos cruzam-se

uns com os outros, em misturas de interrogação e dúvida, discernindo os efeitos perniciosos do mal.

Ouve-se a palavra do chefe, repleta de autoridade e inquietação:

— As televisões ficam fechadas até que alguém se acuse.

A comunidade sofre, em peso, uma pena — para que cada um dos seus membros diligencie a descoberta do culpado.

Todos os dias, após a refeição da noite, os suspeitos vêm ao meio da grande sala de jantar. O silêncio domina o ambiente humano, violado apenas por um ou outro estalo da lareira acesa, ou pelo limpar de garganta de qualquer rapaz mais nervoso ou constipado.

A análise pormenorizada da acção faz recair a desconfiança sobre o Jorgito. O rapaz volta ao lugar de réu, jantar após jantar, sofrendo os olhares acusadores da malta e a clarificação das circunstâncias, feita pelo chefe, tentando mostrar-lhe que era convic-

ção unânime ter sido ele.

O Jorgito, com os seus doze anos atarracados, nega e torna a negar. Nada, nem ninguém o demove.

O chefe manda buscar o martelo e obriga-o a repetir, ali mesmo, a acção demolidora. Mais se confirmou a suspeita.

O murmúrio invade o refeitório em novas acusações e desesperos. O chefe interrompe:

— Pouco barulho!

Entretanto alguns, impacientes, acusam o Jorgito e exigem o seu castigo:

— Chega-lhe que ele é obrigado a confessar.

Insistem, voltam a insistir em tom quase revoltado.

O chefe no meio de todos, seguro de si e do seu lugar, responde serenamente:

— Como posso castigar, se não tenho ainda a certeza absoluta de que foi ele?

Assisti, quase todas as noites, ao tribunal, embebendo-me na sabedoria e na eficácia do método educativo de Pai Américo; mas quando ouço, da boca de um jovem de 18 anos, uma afirmação assim limpa e justa, senti que o Espírito de Deus estava ali e, interiormente, adorei o Senhor!

O Octávio implora ao irmão que tem na sua frente:

— Vai dizer-me ao meu quarto, ou a fulano (a mim), que foste tu.

Após o jantar do dia seguinte uma novidade libertadora corria de mesa em mesa:

— O «Colégio» diz que foi ele.

Um dia hei-de contar a história fascinante dos «Colégios». São dois irmãos gémeos, assim apelidados porque quando aqui chegaram, não falavam de outra coisa senão do Colégio de onde vieram.

— Ó «Colégio», anda aqui ao meio — ordena o chefe, após bater as palmas para acabar com a algazarra comunicativa da refeição.

— Então foste tu que fizeste aquilo ao prato?

— Foi.

— Então só agora é que te acusas?! Conta lá como foi.

O relato, pouco convincente, fez surgir logo dúvidas pela análise que o «juiz» obrigava a fazer.

O «Colégio» vê-se apertado e desabafa:

— Não fui eu! Era para salvar a malta...

Os colegas do grupo de trabalho confirmavam:

— Ele disse, à tarde, que ia salvar a malta...

É repreendido, moralizado e regressa ao seu lugar.

Todos se voltam pro Jorgito:

— Foste tu!...

Saio do meu lugar. Ponho-me diante do rapaz e ordeno-lhe:

— Olha para mim. Põe os teus, nos meus olhos.

Ele não consegue. O olhar do moço foge irresistivelmente do meu.

O chefe intervém:

— Ficas na copa até te acusares, e depois de te acusares, ficarás mais um mês.

O rapaz empalideceu, olhou o chão repetidamente e venceu-se:

— Fui eu!

— Mas porquê?! Onde? Como? De onde te veio a lembrança? etc... — continuou o Octávio.

Nada liberta como a verdade. Nada escraviza como a mentira! Rematei, finalizando o tribunal.

Esta lição, após tantos dias de sofrimento comunitário, brilhou, ali, como o sol do meio dia e iluminou o coração de cada um. O réu foi para a copa, um mês, à pia, lavar os pratos e comerá no que rompeu, depois de consertado.

Se a educação da nossa juventude, nas famílias e nas escolas, fosse assim regida pela verdade simples; se a justiça dos tribunais fosse assim procurada e aplicada; se os responsáveis pela justiça de um povo se mantivessem erectos e serenos como o chefe da Casa do Gaiato — o Octávio — aí, que em breves gerações venceríamos a brutal crise que nos assola e pretende submergir-nos.

□ As nossas Festas prometem visitar-vos.

Os rapazes ensaiam entusiasmaticamente.

Na próxima edição marcarei calendário.

□ A notícia, dada aqui, de um donativo anónimo de 2.843.243\$40 não passou de um lamentável e indesculpável erro do Banco — lacónicamente comunicado a esta Casa, mais de três meses após.

Padre Acílio

## Notas do tempo

Cont. da 1.ª pág.

aos olhos. Que lindo! E o silêncio?...! E a saúde e a tranquilidade que ali se experimenta sem qualquer restrição!

O Rafael fez um curso de formação profissional, mas o tempo não vai propício a emprego. Na sua meninice e adolescência foi do campo é do gado. É bondoso de sua natureza e sabe lidar com a fauna. Tem alma simples e o amor da simplicidade. Alguém propôs a Padre Telmo este lugar. Oferecido a Rafael, ele aceitou. Está ali há meses. Está contente e verifiquei que estão contentes com ele. Tanto, que lhe fizeram uma casa pequenina mas bastante e tão graciosa no seu acabamento que apetece mesmo lá morar! Janelas rasgadas abrem para a encosta que subíramos. No primeiro plano, o parque do gado. Depois, uma mata de eucaliptos.

Para além do vale, outra encosta, outras...; e, ao fundo, a serra de Sintra coroada pelo Palácio da Pena.

Eu rejubilei com a sanidade física e moral do lugar e da vida que ali se leva. Aqui pode ser-se homem; pode crescer-se em liberdade.

Rafael é feliz. E eu voltei a casa feliz também. E apetitoso de um dia livre, inteirinho, para passar com ele.

Padre Carlos



## FACETAS DE UMA VIDA

Há muito que este título não aparece n'O GAIATO. Surgem agora estas «recordações escritas só de memória, a várias dezenas de anos de distância, sem a devida ordenação nem sequer uma redacção cuidadosa».

Assim no-las comunica alguém que acompanhou de perto Pai Américo desde a sua preparação para o sacerdócio e ao longo dos seus primeiros quinze anos de padre. Alguém que tivemos a felicidade de conhecer há pouco e que, com admirável prontidão, acedeu ao nosso rogo, apresentando-se modestamente com o pseudónimo usado em seus escritos na Imprensa Regional: «Largriël».

Quantos outros não haverá com possibilidades semelhantes de colaboração e de quem não tivemos ainda a oportunidade de saber... Que sejam, para esses, sugestão e estímulo para nos confiarem as suas, estas

## Recordações

Em Setembro de 1927, em período de férias, saí da minha aldeia, de manhã, a pé, e dirigi-me ao Seminário de Coimbra para tratar do meu ingresso neste Seminário. Já passava da hora do almoço quando encontrei o senhor Américo, seminarista de Teologia, mas que, na ausência de economo, fora já então encarregado dessa missão. Como eu não tinha almoçado nem poderia fazê-lo ali, pois ainda não era seminarista, o senhor Américo, ao saber que eu só comeria à noite quando chegasse a casa, teve pena de mim, condeou-se, saltou por cima das leis, dos regulamentos, das contas e logo

ali se assaram, na cozinha, duas postas de bacalhau que comemos, regadas com azeite e acompanhadas com broa. Foi este o primeiro flash deste Américo que se manteve até ao fim... até ao meu fim! Simplicidade total, ausência de preconceitos, o verdadeiro amor do Próximo que salta por cima de legalismos, arrastando com todas as consequências, sem medidas do nosso mundo, nem requerimentos, nem licenças, tudo em linha recta.

No ano lectivo de 1927-1928, era o senhor Américo ajudante de prefeito na Casa nova (um dos edifícios do Seminário) onde eu estava como seminarista. Ele era o nosso pai. Tínhamos com ele a mesma confiança, o mesmo à-vontade. Foram dois anos lá. Eu recordo-os bem, com memória de ve-

lho..., melhor para o passado longínquo. Claro que é uma avalanche sem nexos, factos e sentimentos confundidos.

O nosso «ajudante», já quartão, sempre risonho, de braços largamente abertos, rindo por vezes livremente, já com o seu jeito de meditação inclinada, não usava calças mas apenas a sotaina, as sandálias, a capa eclesástica, a cabeça descoberta. Nós estudávamos latim e outras matérias; ele, a sua Teologia. Nós éramos uns gaiatos travessos, curiosos. Por isso, confiadamente, lhe levantávamos a sotaina para ver se era verdade que não trazia calças. Era mesmo. Dizia-se também que, por vezes, usava cílcio, um cordão com nós sobre a carne; e que se penitenciava, se chicoteava, antes de se deitar. Nunca pudemos comprovar esta parte. Éramos tão infantis! Mais tarde, porém, eu tive a certeza de que o padre Américo lutou contra o estímulo da carne que já atormentara o Apóstolo S. Paulo.

Embora, por instantes, caísse em profunda meditação que até se manifestava em contracções do seu rosto corado, o senhor Américo era de uma alegria esfuziante.

O senhor Dr. Trindade Salgueiro, futuro Arcebispo de Milene e de Évora, seu professor e defensor, chamava-lhe o «Passarinho». E era mesmo.

Não havia ali sombra de fingimento. Era natural, tudo lhe vinha de dentro. Sempre pronto a amar toda a gente. A todos.

Continua no próximo número



# PARTILHANDO

No Porto aumentam os casos de **peditórios** para a Casa do Gaiato, sob qualquer pretexto, usando o nosso nome fraudulentamente!

Apenas um exemplo:

Na zona de Cedofeita, dois rapazes e uma rapariga pediam dinheiro para a ajuda do funeral de um vendedor do nosso jornal, dizendo que ele tinha morrido com uma castanha entalada na garganta! E o saquinho foi enchendo, de porta em porta, à custa da **história da castanha...**

O nosso Serafim aparece por lá — como sempre acontece, de quinze em quinze dias, ao sábado e domingo — com O GAIATO na mão, apregoando o jornal. Grande surpresa! Alguém o interpela:

— Então, estás vivo?!...

E contou-lhe a **história da sua morte e da castanha** que ele não engoliu. Outros a engoliram, todinha...!

É pena que estas fraudes aconteçam — e continuem!! Uma mentira bem pintada e isolada, às vezes passa melhor do que a maior verdade! O mal está em quem a **pinta**, mas também fica mal àqueles que se deixam **pintar...**

A verdade, já repetida aqui tantas vezes, é a seguinte:

Os nossos pequenos vendedores d'O GAIATO não pedem nada a ninguém pelas ruas da cidade, aldeias ou vilas por onde passam a distribuir o nosso jornal. Não se ocupam doutros periódicos, a não ser o seu, o nosso O GAIATO; nem contam **histórias** a não ser a da sua vida de ontem... e d'hoje. Por isso, ninguém confunda; sobretudo aqueles nossos Amigos que ainda sabem pouquinho do nosso viver... Em flagrante delito, não tenham medo ou **compaixão**. Chamem a **polícia**, imediatamente, porque por detrás das **castanhas** há um **castanheiro** cheio de espinhos — que ferem. É a rede da corrupção; pessoas adultas que, na sombra, exploram as crianças, contam-lhes as histórias, abusam do bom nome de outras crianças ou instituições — e ganham somas de dinheiro, desonesta e regaladamente, sem descontos nem impostos... Nós outros é que pagamos para e por eles!!

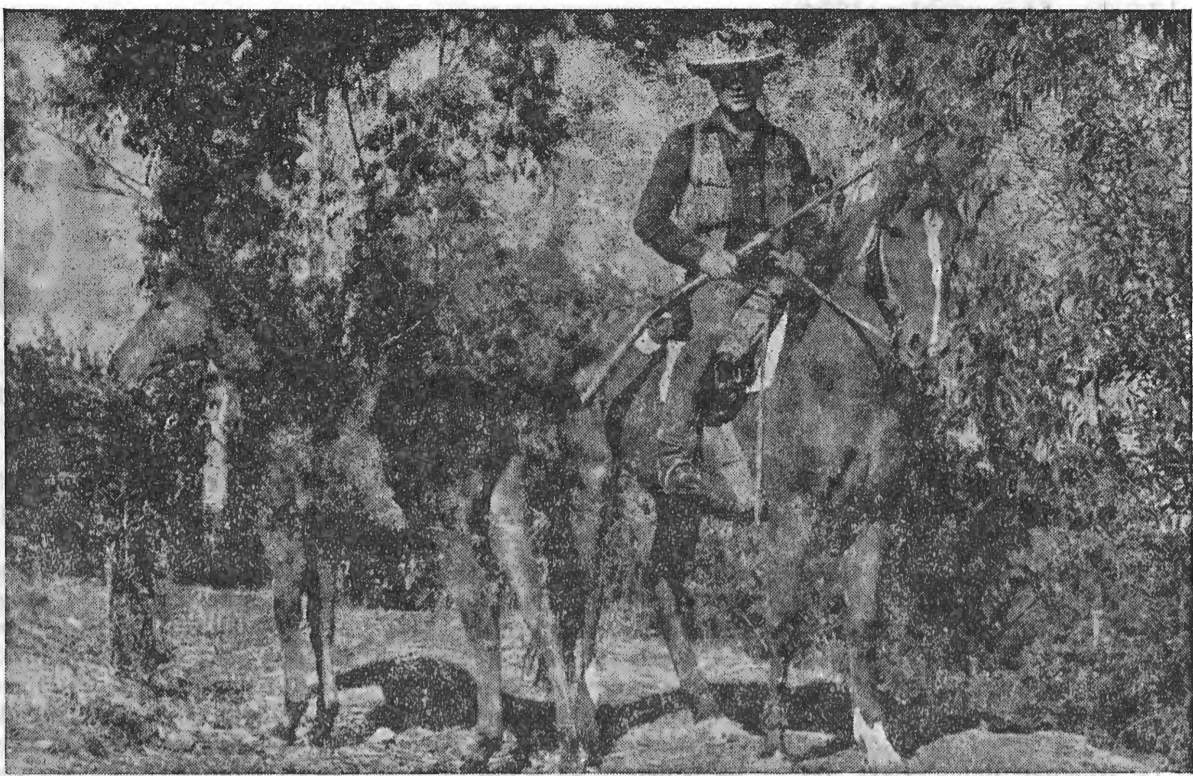
E aquelas crianças que tão corajosamente contaram a **história da castanha?!** Meu Deus!, que história a da sua vida!... Eles ou elas não têm culpa...!

Dois documentos chegam, hoje, no correio. Olho e reconheço que são duas mensagens semelhantes, vindas do Papa e da Santa Sé.

Um fala da Família; A carta

dos Direitos da Família. Diz no preâmbulo:

«A Família constitui mais do que um simples núcleo jurídico, social e económico, uma comunidade de amor e de solidarie-



Uma imagem western? Não haja confusões...! Ai temos o «Caneco», a égua mai-lo potro no coração verde da nossa Aldeia, em Paço de Sousa.

**dade. Muitas famílias são constrangidas a viver em situações de pobreza que lhes impedem de desempenhar o próprio papel com dignidade. A sociedade e de modo particular o Estado e as Organizações Internacionais devem proteger a Família com medidas tendentes a consolidar a unidade e a estabilidade da Família.»**

A certa altura refere as crianças sem família:

«Os órfãos ou as crianças privadas de assistência dos próprios pais ou tutores devem receber particular protecção da parte da sociedade. O Estado, no que se refere à tutela ou à adopção, deve prover uma legislação que facilite as famílias idóneas acolherem em sua casa crianças que têm necessidade de assistência permanente ou temporária.»

Isto é uma carta simples em

profundidade, dirigida a todos os homens interessados nos problemas actuais da Família. Dirigida à consciência do ser humano e aos seus valores, à sociedade e ao Estado.

É uma voz, talvez, a clamar no deserto!...

Hoje, as sociedades e os Estados vivem demasiado preocupados com a inflação, com os seus direitos e despesas. A educação sofre. A moral cai. A vida sobe. E a família desce. Assim, desçemos todos ao perder a oportunidade de refazermos o sentido de família, em nossos dias. Só em família nos educamos, crescemos e amamos mais.

O outro é uma mensagem do Papa para o Dia Mundial da Paz, com o título: «De um coração novo nasce a Paz». E diz que a guerra nasce no coração do homem; que a perda de consciência faz com que o homem chame bem ao mal que pretende escolher. As paixões do coração (no mau sentido) inclinam o Homem para a guerra. E são a autosuficiência, o ódio, a inveja, a cobiça, a ambição do poder, o orgulho, o desejo de domínio sobre os outros. Que eles nascem muitas vezes das frustrações do indivíduo...

Então, qual a resposta para tão grave problema? A mensagem continua: De um coração novo surge a Paz, pela conversão e retorno à verdade — como fruto da justiça e desenvolvimento social. As organizações internacionais têm um grande papel a desempenhar. Os meios de comunicação de massas são convidados a ajudar a formar a opinião pública neste espírito de paz, bem assim como todos os que se dedicam à Educação. Também

os jovens — como aspiração mais viva de paz — são chamados a dar provas concretas de solução.

As mulheres ligadas intimamente ao mistério da vida, mostrem que o verdadeiro amor é a única força que pode tornar o Mundo habitável para todos. Os cristãos, discípulos de Jesus, ensinem que a felicidade está ligada à Paz. Palavra e exemplo. Deus é Autor da Paz.

Ora, aqui deixamos esta mensagem de Paz para todos os homens de boa vontade. Que cada um faça a paz que é possível. Paz consigo, com os outros e com Deus. Só assim a guerra deixará de ser o fantasma mais negro, a par da fome e da miséria que existem no Mundo.

Padre Moura

# FESTAS

Cont. da 1.ª pág.

grossar a coluna, saborear o convívio e dar-lhe o calor do seu aplauso.

Mais um ponto de peregrinação obrigatória — os estabelecimentos prisionais da região Norte, em plena Semana Santa: 16, 17 e 18 de Abril. Pai

## ABRIL

2, às 21.30h — Cine-Teatro Augusto Correia

V. N. FAMALICÃO

Bilhetes à venda: na Confeitaria Bezerra e no Cine-Teatro Augusto Correia

4 » » — Cinema S. Geraldo — BRAGA

Bilhetes à venda: Rua Santa Margarida, 8

5 » » — Coliseu do PORTO

Bilhetes à venda: no Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54, telefones 23981/2; e bilheteiras do Coliseu do Porto, telef. 25196.

10 » » — Teatro Aveirense — AVEIRO

Bilhetes à venda: no Teatro Aveirense

## MAIO

2, às 21.30h — Amaranthe Cine-Teatro

AMARANTE

Bilhetes à venda: no Amaranthe-Cine Teatro.

Américo começou, por aqui, a sua acção em Coimbra. E lançou as Casas do Gaiato para evitar a entrada de mais «Lixo das ruas» nestas escolas, onde, em tempo pascal, a nossa Festa procura ser uma Mensagem da Morté e Ressurreição de Cristo-Libertador, por Quem Pai Américo consumiu a sua vida de Padre da Rua — libertando-nos da marginalidade.

Ainda não há muito tempo o «Cebolinha» — que não pertence ao elenco — perguntou: — Vão às Cadeias...?

— ... Foi uma ocasião oportuna para falarmos de aventuras... e trágicas consequências.

Os olhos brilhantes do «Cebolinha» ficaram especados no chão. Depois, levanta a cara de repente e, com ar solene, afirma em voz alta:

— Eu gostava d'ir lá... ver...! Não referiu outra Festa qualquer. «Eu gostava d'ir lá... ver...!» Com certeza, a nossa comitiva levará o «Cebolinha» na bagagem — para ele ver, ganhar Força e procurar vencer.

Júlio Mendes

## CORRIGENDA

Quando já rolava a última edição, somos alertados para uma **gralha**: O GAIATO fez 40, não 41 anos.

Numa tiragem de 51.000 apenas **sofreram** cerca de 15.000 exemplares — os primeiros — destinados sempre à **venda avulsa** do centro e sul do País.

Para estes nossos estimados Leitores, aqui fica a necessária **rectificação**.

Director: Padre Telmo  
 Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
 Redacção e Administração: Casa do Gaiato - 4560 PAÇO DE SOUSA - Telef. 952285  
 Composto e impresso nas Escólas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa